

QUANDO A PSICOLOGIA FALA SOBRE VOCÊ, SEM VOCÊ: SUNIL BATHIA FALA SOBRE A DECOLONIZAÇÃO DA PSICOLOGIA

Ayurdhi Dhar entrevista Sunil Bhatia sobre a decolonização da psicologia, confrontando o passado racista deste campo de saber, suas raízes coloniais e seu presente neoliberal.

Original disponível em: https://www.madinamerica.com/2020/05/sunil-bhatia-on-decolonizing-psychology/?fbclid=IwAR1v9gkOU-NiOj_3BpkmDnC8mEz6lo3kiFJoapN-7OC_9INPmzEUHr4wB4. O áudio completo da entrevista encontra-se no mesmo link.

Sunil Bhatia é professor titular do Departamento de Desenvolvimento Humano no Connecticut College. É autor de dois livros e mais de 50 artigos e capítulos de livros. Ele recebeu numerosos prêmios por seu trabalho nos campos da decolonização da psicologia, psicologia cultural e métodos qualitativos, estudos de identidade racial e de migrantes. Recentemente, em 2018, seu segundo livro, Decolonizing Psychology: globalization, social justice, and indian youth identities, recebeu o prêmio William James da American Psychological Association (APA).

O movimento de decolonização da psicologia é liderado por acadêmicos interdisciplinares e demanda um movimento para além do modelo biomédico de saúde mental e suas raízes coloniais, especialmente no Sul Global. Bhatia vem escrevendo sobre essas questões por mais de duas décadas e, com frequência, encontra resistência por falar contra as vozes hegemônicas. Ele é, no momento, um dos mais renomados especialistas no campo dos estudos decoloniais. Seu trabalho traz questionamentos vitais: quem decide o que a psicologia deve estudar? Como os sistemas econômicos e sociais influenciam a psicologia? É possível abordar as desigualdades sociais e econômicas na psicoterapia? A psicologia fala de pessoas, sobre pessoas, ou busca falar para elas?

Ayurdhi Dhar: Muito do seu trabalho tem sido sobre decolonização e psicologia. Você pode explicar o que significa decolonizar a psicologia?

Sunil Bhatia: Decolonizar a psicologia se baseia em três referenciais: a psicologia indígena ou estudos nativos, a teoria colonial que vem da América Latina e, mais tarde, a teoria pós-colonial. Ela também apela a mim, pessoalmente. Quando penso sobre decolonizar a psicologia, penso sobre fazer perguntas sobre quem

está contando a história da psicologia, quem tem o poder de construir e disseminar o conhecimento sobre a psicologia, que vozes são incluídas nessa história?

Fiz minha graduação na Universidade de Pune, na Índia, e o currículo incluía psicologia e filosofia. O programa do curso era totalmente engessado, sem mudanças desde o período colonial, e a psicologia que estudávamos era feita toda por autores britânicos e norte-americanos. Me ocorreu que havia uma desconexão entre o que eu lia nos livros de referência e o que eu experimentava na Índia.

Eu via essa desconexão nos rituais, nos pontos de ônibus, enquanto eu dirigia pelos meus espaços culturais tomados pela diferença. Havia múltiplas camadas de significados e práticas culturais ao meu redor, desde os modernos até os feudais, os pós-coloniais e os neoliberais. Mas era proibido fazer perguntas sobre esses significados culturais na sala de aula. Não era considerado científico perguntar sobre como o pensamento religioso é fundamental para o entendimento da psicologia indiana, por exemplo.

Isso me levou a buscar um meio de pensar sobre uma psicologia enraizada numa compreensão da cultura – que visse a cultura como mais do que apenas um outro objeto de estudo. Eu me sentia muito alienado do modo pelo qual a psicologia era feita, até que cheguei na Clark University, na qual as identidades culturais e narrativas eram mais proeminentes.

Na psicologia, as histórias das pessoas do Sul Global eram mostradas como sendo as de uma forma deficiente da humanidade e as histórias das pessoas negras eram relegadas às margens. Eu vi 356 milhões de jovens indianos, uma parte gigantesca da nossa humanidade, ausentes do cânone da disciplina. Suas vozes, suas realidades, foram apagadas, e eu queria começar a me ocupar dessa lacuna. Isso me motivou a criar um referencial decolonial para falar sobre essas ausências, para falar das realidades das pessoas que são a maioria da humanidade, mas que estão ausentes desse campo de estudos.

Dhar: Você mencionou a desconexão que viu entre o que você estava estudando na psicologia e a vida na Índia. Você pode ilustrar com um exemplo?

Bhatia: Peguemos o conceito da opressão internalizada e do colonialismo. Eu senti isso pessoalmente durante o meu mestrado. Eu estava estudando como os fundadores da psicologia haviam retratado os indianos em seu trabalho, e as representações eram altamente racistas. De Darwin a Stanley Hall, eles falavam das pessoas colonizadas como sendo “selvagens primitivos”. Churchill nos chamava de pessoas bestiais.

Em meus sete anos de estudo da psicologia, sempre ouvi que as culturas britânica e norte-americana eram superiores e mais avançadas. Quando eu desafiei meus professores e perguntei a eles porque continuávamos estudando esse conhecimento, que era colonizado, racista e nos tratava como escravos, fui considerado um rebelde.

Quando eu me encontrei com estudantes de sociologia, eles me ensinaram sobre hierarquias de casta. Fui capaz de perceber estruturas opressivas seculares que a psicologia não estava estudando. A psicologia se dirigia apenas à identidade de pessoas de classe média e era baseada em estudos feitos na Estados Unidos. Na Índia, a classe está profundamente atada à hierarquia de castas mas, no meu mestrado em psicologia, foi-me dito que ignorasse as castas na minha análise, porque isso iria complicar as coisas e nós queríamos deixar as explicações simples e científicas.

Dhar: Poucas pessoas compreendem como a colonização internalizada funciona, e como falar inglês, ao invés de sua língua natal, se torna um marcador de classe, casta, educação, moralidade e intelecto. Como uma estudante de graduação de psicologia na Índia, eu costumava brincar que se eu falasse inglês bem o suficiente, eu poderia acabar como uma engenheira de computação. Você pode falar sobre como os acadêmicos e psicólogos indianos internalizaram essas ideias coloniais?

Bhatia: primeiramente, eles não desafiaram as representações trazidas pelos livros, o cânone que estava sendo exportado do Ocidente para o dito terceiro-mundo. Eles tentaram indigenizá-lo, dar a ele um sabor indiano, mas o pensamento de base, as estruturas empíricas e as ideias positivistas nunca foram questionadas.

Em segundo lugar, há a política de localização. Todas as pessoas estão localizadas em condições socioculturais diferentes, desde as classes médias e altas até aqueles de origem Dalit, que é o grupo social mais inferior na hierarquia de castas indiana. Mas aos acadêmicos e psicólogos indianos não era permitido que falassem sobre isso. Suas experiências existenciais de viver na Índia, dentro dessa hierarquia de castas, sua identidade sociocultural, eram tópicos importantes para eles, mas eles não conseguiam trazê-los para o processo de produção do conhecimento.

Em terceiro lugar está a política da prática. Como cultura, levamos milhares de anos pensando sobre o 'self', o significado do self, o nirvana, a liberação, etc, nos níveis metafísico, filosófico e psicológico. Mas toda essa sabedoria cultural acumulada foi relegada à filosofia e vista como não-científica. Não havia espaço para as referências indígenas de cuidado para compreender a vida mental, porque eles foram relegados à religião e à filosofia. Essas são as três áreas nas quais a internalização colonial atuou.

Dhar: Você sofreu algum tipo de retaliação por fazer esse trabalho de descolonização da psicologia? Se sim, qual?

Bhatia: Houve retaliações ao longo da minha carreira, especialmente quando eu estava começando a desenvolver ideias em oposição ao discurso hegemônico na psicologia. Em 2002, quando eu escrevi meu artigo sobre representações históricas e repensar a psicologia, houve retaliações consideráveis por parte dos revisores e uma negação do problema.

Neste artigo, tracei um retrato ao longo de cem anos da psicologia como cúmplice no avanço da agenda colonial, direta e indiretamente. Nomeei todos os principais fundadores e afirmei que o Orientalismo, a prática de representar o Oriente de modos que colaboravam com o colonialismo, não teria se tornado dominante como um projeto político do Ocidente sem a cumplicidade explícita das ciências sociais.

A retaliação mais comum foi a rejeição de meus artigos pelas revistas científicas, simplesmente porque eu ofendia alguns dos revisores, que achavam que eu estava sendo muito severo. Eles insistiam que isso tudo estava no passado e que a psicologia agora era progressista. Também houve resistência de colegas que me alertavam de que havia riscos em provocar o estabelecido. Articular um referencial da psicologia de um ponto de vista anti-colonial e anti-racista há 20 anos foi duro, e houve muito trabalho emocional envolvido.

Bhatia: Pegue o exemplo de G. Stanley Hall, fundador da APA, que é considerado um herói e pioneiro da psicologia. Ele também era um defensor do colonialismo e dizia que as chamadas pessoas “primitivas” deveriam ser domesticadas e controladas, caso contrário, o mundo seria governado por pessoas inferiores. Ele alertava que o campo deveria colaborar com políticos e militares para descobrir modos de domesticar ou exterminar essas populações. Então, havia uma nuance, se não uma agenda explícita, de genocídio. Mas tudo isso continuou desconsiderado pelo campo da psicologia. É a mesma história com Darwin, que também apresentava opiniões racistas. Esses são dois exemplos que eu posso dar.

Adicionalmente, há o fato de que a psicologia moderna é, predominantemente, o estudo dos sujeitos brancos, anglo-saxônicos, de elite e predominantemente norte-americanos. Todos o conhecimento sobre a psicologia humana emana da pesquisa sobre este tipo de sujeito e, então, é exportada para o resto do mundo

Dhar: A cultura e a filosofia indianas têm uma longa história de conhecimento sobre o “self”, mas o self da psicologia é diferente do conceito indiano. Você escreveu sobre como a psicologia promove um “self neoliberal”. O que isso significa?

Bathia: Passamos mais de um milênio falando sobre, interrogando e analisando o termo “self”. Kenneth Burke, o crítico literário, chamou-o de um termo divino. No contexto indiano, o self sempre é considerado como estando entretido com a família, a comunidade e a vizinhança. As distinções entre o self e os outros são escorregadias, há um tipo de subjetividade fugidia. Ele não pode ser restrito ao individual.

Psychology's understanding of self is based on the individual as self-contained, as atomic—a self which fashions itself as separate from the other. That concept did not exist in the Indian context, which focuses on the connection of self to the world, a relational concept. Philosophically, the transcendence of self was important.

In postcolonial times, after the British left but colonialism remained in India, new and powerful ideas about the self came about. In the '70s, with the unleashing of modern globalization and privatization, and with the decline in social safety nets and access to public goods, came neoliberalism. Within neoliberalism, the idea emerges that social structures are not going to guarantee the maintenance of self. You have to rely on your biography, your strength, your family, your education, your credibility, your degree. You become an entrepreneur—managing your 'self' and making it presentable becomes critical, as [Gauri Pathak](#) says.

Being presentable involves acquiring new skills, whether it is meditation, new degrees, or other ways to look attractive and market yourself. This is how you get Silicon Valley-type language in cross-cultural psychology, which promotes these new ways of thinking about the self. These psychological ways of thinking tie well-being to your productivity. This is the neoliberal shift, and it reflects the neoliberal economy and culture.

Dhar: Psychology reinforces this 'neoliberal self' by promoting theories of self-management and emotional regulation. What did you find in your research about this 'self' in India?

Bhatia: Neoliberal globalization affects each community in specific ways. Youth who have access to cultural capital, elite education, and wealth have developed a transnational identity where the understanding of Indianness is tied to being highly mobile. This can mean education at Oxford, travel across the world, acceptance by their German and Swiss friends, etc. Neoliberal language gave them

an Indianness that could be exported around the globe—cosmopolitan but also culture-oriented, not backward anymore.

For example, in my book, Nina calls herself the ultimate Indian because they are the ones who set the standards of Indianness, and others usually follow it through fashion or consumption. This is a very consumer-oriented model, and behind it is the transnational capitalist class that supports this neoliberal self.

The middle-class is different; they are educated with limited income, and they work for large corporations, often as call center workers. They are the neo-colonial subjects. They have to go to accent reduction workshops—part of management practices where corporate cross-culture psychology is used to regulate them. They have to attend workshops to understand Indianness and Americanness! They laughed at it—this was their resistance. They would ask, “I am Indian. Why do I need to study what Indianness means?”

The workshops used traditional cross-cultural psychological concepts, and Indians were portrayed as always late, unable to adapt, argumentative, too flexible, authoritative, and hierarchy-oriented. In contrast, Americans were portrayed as punctual, reliable, and self-sufficient. All these diversity and management programs are invented in the US and executed there.

The Indian youth do not passively accept these ideas, but they could not resist it within the organizational culture. Privately, they make fun of it and call it *gora* psychology (white psychology), but the corporate stranglehold is too firm. Administrators had mandates from corporations to use personality tests like the Myers-Briggs Type Indicator (MBTI) to evaluate performance.

If one cannot talk like Americans or the British, it is a problem. There is a strong colonial hold on how to be yourself and what happens if people speak in a vernacular accent. They teach you to remove MTI (mother tongue influence). These are the ways coloniality has now taken a neoliberal turn and persists in India.

Lastly, there is the fact that social justice issues are not considered in psychology. We rarely ask about what impact poverty and chronic hunger have on self and

identity in India. The lives of urban workers are not given any attention. It is as if they don't exist as subjects. Their lives took a turn for the worse with liberalization. Globalization was supposed to help them. Their income increased a little, but the life around them became much more expensive and unaffordable, and their aspirations changed.

Dhar: These workers don't feature in our research and our experiments. Subjects of most psychological research in India tend to be city-dwelling, upper-caste, educated elite. You have written about how Euro-American psychology tends to speak for others and silence them. Can you talk about a time you noticed that happening?

Bhatia: The entire enterprise of psychology over the last 50 years has spoken on behalf of the rest of humanity, even though [psychology](#) itself is a local and provincial discipline emerging out of a particular historical period in Europe and America. The Euro-American modern subjects then speak on behalf of Asians, Africans, etc.

Western psychology decides what good emotional and social development looks like, and then sets the standards for what constitutes a good education, life, health, and mental health. It decides all our psychiatric diagnoses. These are embedded in specific local cultural practices and then exported to the rest of the world.

Another way of speaking *for someone* is through research. In the book [Decolonizing Methodologies](#) by Linda Tuhiwai Smith, she writes that research was a very dirty word in the Maori community in New Zealand. This is because almost all of the research done on them and their way of life was by Europeans who wanted to exploit, contain, and destroy them. [This particular community](#) and their sense of self was largely represented by American psychological frameworks.

Dhar: Psychology was born in the Global North and is deeply entrenched in specific cultural values such as individualism, meritocracy, etc. Do you think psychology can ever truly be decolonized? What would that look like?

Bhatia: I think yes, it could be decolonized, but only under certain conditions. It has to be a political project akin to the abolishment of slavery, which means that to abolish it, you needed to change its entire structure.

It is not just driven by the state. It is about the very idea of what it means to be a human being. It is political, economic, cultural, personal, psychological, familial, and sexual. The roots of slavery had to be attacked, but the effects still exist. Right now, more African-Americans are dying in the pandemic because of health disparities.

[Native American theorists](#) have insisted that the decolonization model is not simply about taking a social justice perspective. It is about reclaiming land, territory, water—reclaiming language. Decolonization means restoring what was lost.

American undergraduates are 4,000 times more likely to be represented in psychological experiments. Then our studies claim that these findings can be applied to a person living in the Global South. The project of decolonization is viable, but it has to be complete decolonization in the way [Frantz Fanon](#) talked about it—new humanity. You have to dismantle the current methods of thinking about and doing psychology.

You cannot compromise because the colonial structure has tentacles at all levels: knowledge production, editors, writers, and the power of the American academy, etc. These tentacles, like the neoliberal order, regulate all psychological knowledge production across the world—deciding what forms of knowledge are considered elite, who gets published, who gets tenure, what makes a journal prestigious, and so on. First, you have to map, identify, and analyze this architecture. We are not even there yet. We have just opened up the conversation about what decolonizing means.

We have to ask ourselves, what does it mean to do psychology? There needs to be a revival of indigenous concepts that were for 500 years, not given any credibility. They do not exist in a pure form without being impacted by colonialism or modernism, but they are viable frameworks.

Take, for example, the Buddhist contemplative practices like Vipassana practiced and handed down for thousands of years. Silicon Valley understood the power of these practices, diluted them, turned them into mindfulness, co-opted them, and then sold them back to India. A lot about the mindfulness movement is powerful, amazing, transformative, but at the same time, there is the commercial interest of the rich. There are potential practices in many indigenous philosophies, religions, and community psychologies that we haven't explored without evoking the language of Eurocentric knowledge.

Colonization is deeply rooted in capitalism. This current crisis has starkly exposed the difference between the haves and have nots—people who have care and those who don't, those who can stay at home, and those who cannot. Psychology is rooted in the individual project of colonization, which serves to keep the idea of the individual intact. The intellectual project of decolonization will only be fulfilled when many of us come together in solidarity to rethink the entire structure.